

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	24500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	12500 »
Trimestre ou 13 ».....	700 »
Avulso.....	60 »

— ANNO I — 22 DE JANEIRO DE 1882 — N.º 49 —

GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	74000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	36500 »
Trimestre ou 13 ».....	23000 »
Avulso.....	200 »

SUMMARY

GRAVURAS:—O tanque grande do parque de Bruxellas; A joven cigana do pandeiro; Fausto e Margarida; Paços do concelho de Lovaina.
 TEXTO:—Actualidades, por Mané; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O.; Scenas da vida americana, por Alfredo de Brechat; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro.

ACTUALIDADES

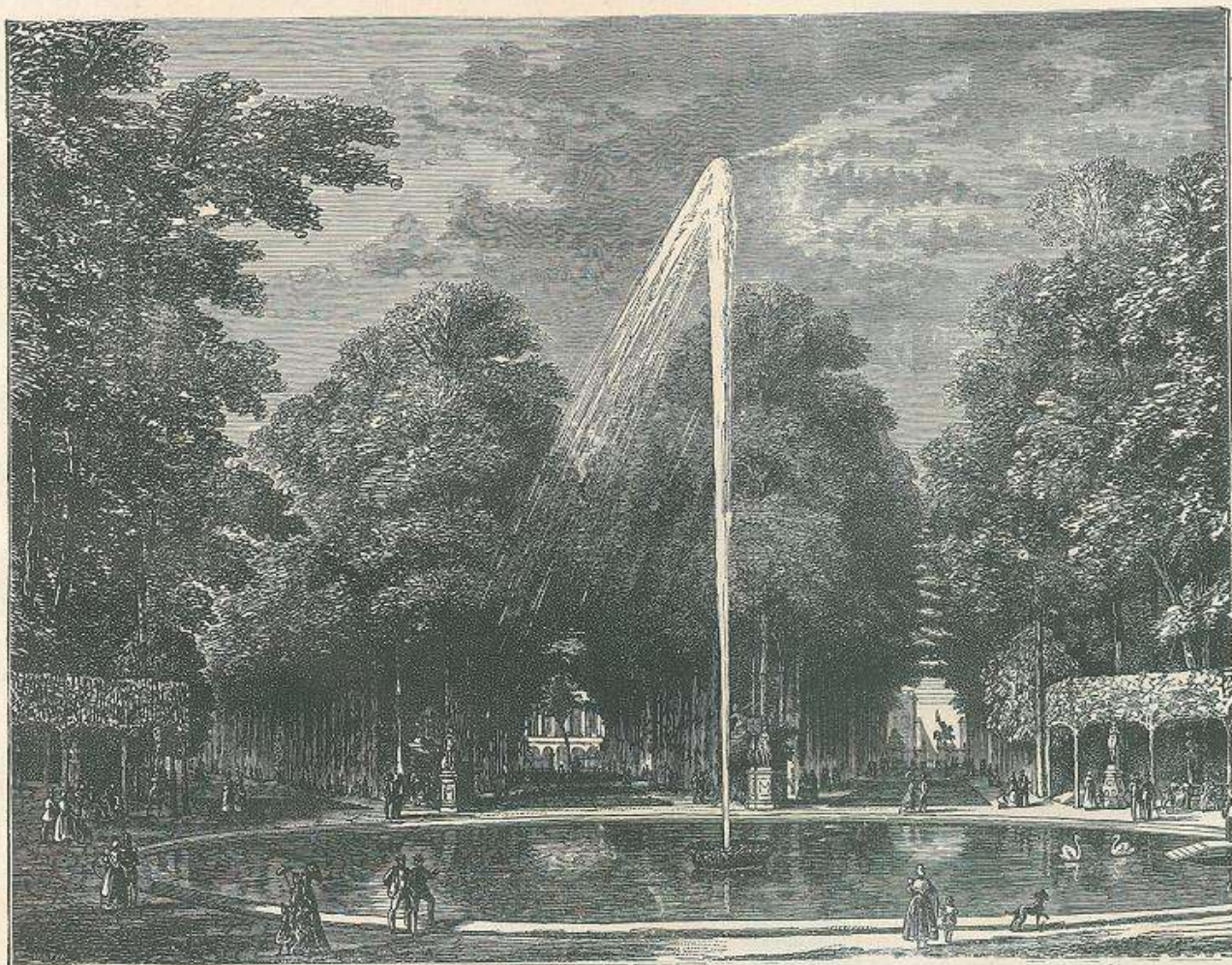
Sou eu!... Sou eu, pobre chronista, que assisto esta semana ao espectáculo triste e doloroso d'uma capital que se despe, que despe o seu fato domin-gueiro, para entrar na vida monotona e semsaboro-na de todos os dias. Sou eu que assisto a este triste espectáculo!

se tocou o hymno hespanhol na gare de Santa Apo-lonia, até ao instante em que a ultima nota morreu por entre os arvoredos do Barreiro ou por entre as ramadas espessas dos velhos olmeiros de Villa-Viçosa, que a Europa teima em chamar *Villa-Viciosa*, com grave indignação minha e formal desmentido da chorographia de João Felix...

Sou eu afinal que assisto á debandada! Tenho o quer que seja d'um conviva que chegou tardissimo

demorada, deitando na cara porcelana da chicara a sua cinza branca e perfumada, d'um azulamento va-go,—e um pingo de cognac tem um sorriso humido d'opala liquida no fundo facetado do crystal, que o gaz incendeia suavemente...

Nada mais triste do que a minha chronica d'esta semana — a semana em que tudo se desarma.



O TANQUE GRANDE DO PARQUE DE BRUXELLAS

Os meus bons companheiros da chronica, os meus dois alegres companheiros, esses admiraram a festa em todo o seu esplendor, desde o momento em que

a um banquete, e que apenas vê abertas as vasilhas as gordas garrafas de Champagne Clicot, enquanto o resto d'um charuto desfallece n'uma agoonia lenta e

Ainda ha poucos dias eu gostava de passar pelo Rocio, em frente do Neves, comprar uma fresca ro-sa-chá, accender o scando em cima do almoço, e vê

o effeito da tribuna. Um bello effeito na verdade. Não lhes parece?

Toda a praça parecia estar em festa. Até a concorrencia era maior!

Andava pelo ar a alegria palpitante das bandeiras. Nós, afinal, somos um povo que nascemos para as festanças. Não sei se é do meu sangue, do meu systema nervoso, da minha indole, da minha raça, da minha educação; não sei se isto em mim provém de Ourique, de Montes Claros, do Mindello ou de Torres; não sei se isto mesmo será resultado d'algum globulo insignificante d'Egas Moniz, do Albuquerque, do Gama, ou do Tristão da Cunha; não sei se isto mesmo provirá de eu uma vez ter pisado um callo a um ministro; não sei a que o deya attribuir,—o que lhes sei dizer é que adoro immenso uma boa festança! Quem não fór da minha opinião que o diga, que sempre lhe hei de provar que não é portuguez...

Ha coisas que a nós nos causam verdadeiro entusiasmo. Apontarei algumas: as bandeiras, as iluminações, os fogos de vista, as paradas, os hymnos, as procissões e os touros. Para que apontar mais? Estas hastam para nos levarem ao extremo de berarmos todo um dia ficando roucos e cansados.

Mas d'esta vez não se berrou? Não se berrou por um motivo — porque a festança teve bandeiras, e hymnos, e fogos, e touros a mais, que deixaram a capital profundamente absorta...

Tambem succede isto muitas vezes. O nosso entusiasmo em vivas manifesta-se pelas gargantas nacionaes quando os olhos vêem no dia 1 de dezembro os mesmos postes de 24 de julho e as mesmas bandeiras da procissão da Saude. D'esta vez appareceu tudo novo, o paiz foi surpreendido á queimadura com bandeiras que ainda não tinham servido e com postes idem, e d'ahi resultou passar em admiração o tempo que se havia de gastar em gritaria!

Pelo amor de Deus não pensem agora que eu estou desculpando o povo aos olhos da Hespanha, d'uns certos reparos que foram feitos pela imprensa madrilena. Eu estou apenas expondo um facto que descobri, graças ás lentes do meu binoculo, no povo que se reunia no Rocio na tarde da parada e cujos movimentos e gestos eu analysei da tribuna de D. Maria.

Alguem notou falta de expansão em vivas. D'isso são apenas culpados os srs. decoradores, que sabendo perfeitamente que a capital está nas melhores relações com panninhos azues e brancos comprados em 33, lhe foram apresentar panninhos de 82 que ella mal conhecia de vista!

Depois... se fosse só isto! Houve ainda mais, sim sr... O que é que os srs. fizeram do nosso rico hymno? Digam lá, o que é que fizeram d'elle? Até parece impossivel! Oito dias de folia e sem apparecer em parte alguma! Então já se trata assim um hymno como quem trata uma creança que teve uma birra e que por castigo fica fechada em casa e não põe os pés na festa? Hein?

E ainda fallam que não houve vivas!...

Na terça-feira, as duas da noite, atravessava eu o Rocio. A tribuna tinha um ar triste e frio. Tinham-lhe arrancado as cupulas caprichosas; os galhardetes leves e ondulantes; os longos e fartos cortinados; as columnatas rendilhadas e caprichosas como

as dos kiosques chinezes que Paris modifica. Tinham-lhe arrancado tudo... e via-se a essa hora, desenhar-se no azul banhado do luar, a *Silhouette* descarnada do seu esqueleto confuso de taboas soltas, d'arcos partidos pelo meio, de vigas em triangulo, como as ruínas d'uma edificação chimerica e pueril.

Dois sujeitos parados conversavam baixo, e um d'elles socegou o seu espirito e o do seu companheiro com esta phrase:

— O que nos ha de valer, é d'aqui a dois ou tres mêzes o centenário do marquez de Pombal! Que já por ahí se diz que tambem ha parada!

N'esse momento eu vinha de assistir á ultima parte dos festejos. Vinha morto de somno e de cansasso. E não obstante eu sentir bem que n'esta phrase ia a expressão do grande entusiasmo e do grande prazer do povo pelos espectaculos vistosos, esta ideia da aproximação d'uma outra festa produziu em mim o mesmo effeito que a bordo produz o encontro d'uma pessoa enjoada quando tambem estamos com o enjôo, o que ainda mais excita o mal.

Ora eu vinha morto de somno... Não pude, pois, reprimir um bocejo, um longo e demorado bocejo — não obstante amar muito o hymno e mais os bellos panninhos azues e brancos diante dos quaes meus avós já ficaram pasmados e que ainda hão de causar o delirio dos meus patrioticos tetranetos!...

Estes dias, por entre os ultimos rumores das festas, do entoar dos hymnos, do esplendor da parada, do brilhantismo dos cortejos reaes que caminhavam como bellas resurreições d'um passado de luxuosa phantasia, do rumor excitante dos bailes, e do tilintar das taças de Champagne erguidas em brindes rubros d'entusiasmo, por entre o bruhaha d'uma capital que bebe bem e que está gozando uma bella festa, um cortejo simples e obscuro caminhava, um cortejo funebre, diante do qual a chronica passou sem n'elle reparar, sem ao menos tirar silenciosamente o chapéu á sua passagem.

Quando se ri e se goza nem sequer ha um instante rapido para limpar uma lagrima que a medo surge ao canto da palpebra e que bem depressa desaparece como que temendo que a vejam... Somos ás vezes tão ingratos!

Pois meus amigos, meus collegas, vós todos que como eu trabalhais nas columnas do jornalismo; vós todos que procuraes na capital o assumpto que o vosso estylo ha de tratar em symphonias de côr e de luz; vós todos que burilais bellas phrases quentes e coloridas para desenhar a curva escarlata dos labios das vossas amadas; vós todos que sabeis arrancar ao ébano as nuances desconhecidas para dar a côr das tranças das vossas mulheres; vós todos que sabeis extrair a ultima scintillação aguda d'uma perola negra para com ella pintar o brilho d'esse olhar que vos inebria; vós todos que sabeis d'este barro vil — a palavra — dar vida ás finas estatuetas mais leves e mais harmonicas que os bronzes florentinos, rendilhar os bellos pagodes phantasticos dos vossos estylos orientaes; vós todos, ó elegantes chronistas do meu tempo, deixastes passar esquecido um cadaver sobre o qual poderíeis ter feito as mais bellas recordações da vossa vida! Per-

destes a melhor occasião de escrever as primeiras paginas das vossas formosas biographias...

Nunca vos perdoarei, nunca!

A primeira vez que o vi, que vi o seu enorme ventre, a sua cara larga e expressiva de frade leigo, o seu solidão de seda preta destacando muito na calva côr de rosa, os seus enormes olhos de velho tabellião de opereta e o seu eterno cazaco azul, — a primeira vez que o vi tinha eu onze annos, ia fazer exame d'instrução primaria.

Juntamente comigo, uns cem rapazitos da minha idade, todos endomingados, collarinhos á mamã muito brancos e muito tezos, cabellos empomados com escrupulo de dia santo, cara triste e olhar interrogativo (apanhariamos ou não apanhariamos rapoza?!)—esperavamos a hora da chamada.

Quando se abriu a porta da primeira sala já os examinadores estavam sentados, e nós olhámos com respeito para o sr. padre Simões e para o sr. padre Amado. Tinham-nos descripto esses srs. sob a fórma de velhos dragões da lenda vindos de noite, pé por pé, pelas beiras dos telhados, trazendo muitas rapozas para as creanças que faziam exame. E um pequenito a meu lado olhava para debaixo da capa do sr. padre Amado a ver quando alguma rapoza mais inquieta deitava o rabo de fóra!

Entre as grades lá estava o bom Zeferino, o velho continuo do lyceu, de papeleta em pucho, fazendo a chamada. Ao acabar de pronunciar um nome guindava os enormes olhos para a testa, descia o braço com a papeleta, voltava-se com a difficuldade d'uma velha nau do mar das Indias, apontava para o banco dos examinados com o dedo gordo e polpudo, um anafado fora-bólos, e dizia n'um tom macio de voz: «Sente-se aqui, menino!» Depois voltava-se com a mesma difficuldade, fazia cair os olhos sobre o nariz, erguia a papeleta, chamava por mais um nome, o rapazito aproximava-se e elle continuava repetindo a operação de levantar os olhos, de se voltar, de apontar, de dizer: «Sente-se aqui, menino!» mas isto com a demora innata a um abdomen respeitavel, a uns pés gottosos, e a um espirito desencanado que nunca percebeu a necessidade que ha em certos momentos da vida—de ter de correr! Em todo este tempo que levava a chamada, o sr. padre Amado encarava detidamente as pobres creancitas a quem elle minutos depois havia de perguntar escorvando de rapé o nariz:

— Quem é Deus?

— Deus?... Deus?... Deus... é um soberano senhor, creador dos ceus e da terra...

— O que é verbo transitivo?

— E' o que exprime uma acção que passa a objecto differente do sujeito que a pratica. Exemplo: Pedro louva a João.

— Que factos mais notaveis houve no reinado de D. Fernando, o Formoso?

— A tentativa de possuir Castella, a alliança com a Inglaterra, o impulso dado á navegação, e a mudança da universidade...

Quando os rapazitos respondiam d'este modo, com uma perfeição authomatica, o bom Zeferino ao sair da sala voltava-se para as mães e papás e abanava-lhes com a cabeça, e a pequenina borela do seu solidão em corações maternos e paternos accendia a esperança de que os meninos apanhavam pelo menos uns dez valores.

Entendia muito de exames, aquella borela!

Encontrei-o dois annos mais tarde, então todos os dias, quando meu pae me matriculou no lyceu.

Tinha por elle um grande respeito e uma grande consideração. Meu pae encarregara-o de olhar por mim enquanto se estivesse no intervalo das aulas e eu ás vezes se queria fumar o meu cigarrito tinha que fugir para sitios reservados para não ser visto do Zeferino.

E que rijo que elle era, sendo já tão velho! Nas manhãs cortantes e agrestes de janeiro em que o lyceu continuava abrindo ás oito horas como se fosse em julho, minha mãe nunca me deixava sair de casa sem eu tomar café muito quente, sem embrulhar o pescoço n'um forte *cache-nez*, sem me abotoar n'um grosso casaco, que me tolhia até os movimentos dos braços! E quando eu chegava ao lyceu já o Zeferino estava com a janella aberta, sentado á sua meza que ficava junto d'aquelle antiquissimo relógio de pesos, que anda sempre de machina desarranjada, apurando as faltas, de solidão enterrado na calva. E todos os rapazes o iam cumprimentar, e para todos tinha uma facecia, um dito, uma phrase, um gesto, um movimento d'olhos particular e intelligente.

Eu gostava muito de o ver zangado! Aparecia logo de punho cerrado, um enorme punho como se fosse d'um Adamastor, fallava alto, gritava, ameaçava com o sr. Reitor, com a guarda municipal, com o dr. Leamos, empurrava para longe os desordeiros, e depois o leão tornava-se pomba, e d'ahi a pouco como um velho patriarcha socegado e pachorrento, ria alegremente com os rapazes, a sua bôa cara expansiva illuminava-se de sorrisos bons e mansos... e a borracha da amizade, lá ia apagar uma falta que o lapis do continuo marcara imperturbavelmente no começo da aula!

Quando eu deixei mais tarde o lyceu e o encontrava depois pela rua de S. José ou pelas Portas de Santo Antônio, quando eu mais tarde o encontrava nunca podia reprimir um sorriso satisfeito que acordava na minha alma bellas recordações ha muito adormecidas... Atravessava a rua, fallava-lhe, passava-me sempre a sua mão polpuda pela cara, acariciando-me, e ao despedir-me d'elle lembrava-me do dia em que pela primeira vez me tinha dito: «Sente-se aqui, menino!» — dia em que pela primeira vez a borela preta do seu solidão acenara para meu pae dando-lhe gravemente a certeza da minha approvação em instrução primaria!

E vinha ao meu espirito o grito alegre e jovial d'esse bando de rapazes que me acompanharam pelas aulas do Ferraz e do Caldas Aulete; esse grupo ruidoso e vivo, cheio de enthusiasmo e de expansões sinceras; esse grupo atrevido que fazia as suas campanhas nas ruas do Passeio e que no estrudo á porta do lyceu enfarinhava a policia e pertia ovos nas barretinas dos municipaes; esse bello grupo que hoje anda por ahi diluido em futuros medicos, em entufados aspirantes, em graves officiaes, em futuros advogados, e que hoje me olha de resto, com desdem, porque dei em litterato; esse bello e ousado grupo que tanta façanha conta na historia da rua das Pretas e da calçada do Salitre, e donde apenas tirei uns dois ou tres amigos, ou talvez apenas um, o que mais me tem acompanhado e a quem eu mais estimo...

Era esse bom velho que me recordava essa mocidade tão alegre e tão descuidada, em que eu passava a vida sem o minimo cuidado, sem a minima preocupação; essa mocidade em que tudo para nós nos sorri; bellos tempos em que os livros nos massam muito; em que desejamos que os professores partam as pernas para haver feriados; em que muitas noites pensamos em milagres de santos que podiam muito bem servir-nos de «pontos» no exame; para nós não termos que estudar durante o anno; essa mocidade em que nos sentimos felizes e poderosos ao sentir na algibeira o peso de cinco tostões em prata; essa mocidade em que o futuro de que nos falla a familia nos parece um diabo de papão de nova especie com que se assustam as creanças que já não dormem nos berços!...

Bom homem que agora dormes para sempre á sombra d'esses cyprestes onde o vento virá á noite rezar umas orações bem tristes e bem plangentes! Nunca mais verei a tua pacifica figura projectando a sua larga sombra nas ruas d'este microscopo... Nunca mais!

Nunca mais te verei passar lentamente, na obesidade do teu abdome, no socego do teu sorriso feliz e descuidado, arrimado á tua bengala de canna da India, caminho do lyceu... Nunca mais!

A tua morte foi-me tão dolorosa como a morte de um velho amigo. Quando sube que te levavam caminho do cemiterio, fiquei imbecil, sem comprehender o que me diziam, porque pensei que viverias em quanto eu vivesse, para te encontrar, para te sorrir, para te estender a minha mão de amigo, para recordar em ti os bellos tempos idos—colibris dourados que ha muito desapareceram do azul da minha vida!

Quando me recordar agora da tua sepultura o meu passado resurgirá bem triste, por que a tua morte veio sinistramente, com o vento gelido que se escoava pelos seus beiços frios e róxos, apagar a luz intensa d'uma antiga e vigorosa alegria que na capella mysteriosa e perfumada da minha alma de tempos a tempos brilhava com vigor, quando deparava comtigo—oh bom amigo dos antigos rapazes do lyceu!...

MANÉ

AS NOSSAS GRAVURAS

O TANQUE GRANDE DO PARQUE DE BRUXELLAS. — O Parque, ou Passeio Publico de Bruxellas é um dos passeios mais encantadores da Europa. Feito no seculo XVIII pelo architecto Guimard, que soube juntar a magestade dos jardins de Le Notre ao pittoresco dos parques inglezes, o Passeio Publico de Bruxellas não se parece nem com o Prater de Vienna, nem com o Prado de Madrid, nem com Hyde-Park de Londres, nem com os jardins de Versailles ou das Tulherias. Tem um cunho especial, um caracter perfeitamente seu e perfeitamente distincto.

No sitio onde hoje existe o Parque de Bruxellas existiu outr'ora o parque senhorial dos duques de Brabante.

A JOVEN CIGANA DO PANDEIRO. — Já por rmais d'uma vez nos temos occupado aqui no *Jornal do Domingo* d'esta raça mysteriosa. Nunca porem nos achámos em presença de uma physionomia tão perfeitamente seductora como a do quadro que reproduzimos n'este numero. Julgaríamos mesmo estar com presença de uma criação da phantasia, se fossemos a avaliar

todas as ciganas por essas que percorrem o nosso Alemtejo, e que são as creaturas mais perfeitamente horrorosas que é possível imaginar. Mas Paulo de Saint-Victor diz que as bohemias são a poesia da Bohemia. Quando são formosas, a sua formosura é um encanto, tem a sua tez a côr d'essas fructas sazonadas ao quente sol do meio dia, os seus olhos felinos, cheios de estranhos clarões, fascinam pela sua magica transparencia. Arrastam n'esses chinellos acalcanhados uns pés dignos de poisar n'um pedestal. Saltam pelos hombros essas tranças compactas e solidas com que se amarravam outr'ora as captivas ao carro do vencedor. O ouropel fica bem a essas filhas do acaso e da ficção; por isso os seus corpos vivazes enrolam-se maravilhosamente nas fazendas vistosas. Ostentam muita vez com profusão missangas, perolas falsas, bagas vermelhas e moedas turcas. «Se te nascer uma filha, dizem os livros sagrados da India, dá-lhe um nome sonoro, abundante em vogaes, e que seja doce de pronunciar aos labios do homem.» As ciganas não olvidaram essa recommendação dos velhos brahmanes, chamam-se Morella, Claribel, Preciosa, Meridiana, Orlanda, nomes de flores ou de estrellas. Apesar de ser o seu papel na tribu o do espelho na caça das cotovias, não é de certo um dos menores mysterios da Bohemia a pureza dos seus costumes de solteiras ou de esposas. Mas ai! a sua belleza resplandece e passa como meteoro, envelhece depressa e a fealdade devora-as. Queima-as o sol, enferruja-as a chuva, curte-as o vento, a idade escangalha-as e parte-as ao meio; transforma-se o seu rosto n'um labyrintho de rugas; só os olhos conservam o seu brilho sideral. Do reino ao ar livre da dança alada acompanhada a pandeiro, descem para o imperio mystico das trevas, lêem a buena dicha, n'uma palavra, tudo n'ellas é extremo, não ha meio termo entre a Peri e a bruxa.

FAUSTO E MARGARIDA. — Os dois personagens que a nossa gravura representa são antes os protagonistas da lenda medieval, que o grande poeta allemão dramatisou, do que o Fausto e a Margarida d'essa tragedia sublime.

Quantas transformações tem soffrido a lenda! Quantas modificações tem tido essa figura ideal de Margarida; esse typo impressionador do Fausto! Na velha lenda gothica, Margarida é simplesmente uma santa, que se deixou cahir em tentação, por isso mesmo que a sua alma era hondosa e pura, porque tinha no seu espirito thesouros de amor e foi arrastada, como a Elôa de Vigny, pelo sentimento da compaixão affectuosa. Na lenda, Fausto é simplesmente o tentador, o impio, o instrumento de Satanaz. Na tragedia de Marlowe, o Fausto passa a ser a personificação da revolta contra o dogma e Margarida desaparece na sombra em que se accumulam os personagens secundarios.

Finalmente na obra immortal de Goethe, o drama toma um aspecto mil vezes mais humano. O velho sabio chega ao fundo da sciencia, de toda a sciencia humana e não encontra senão a desillusão e o tédio. Troca então todos os seus thesouros de saber, todas as suas esperanças de immortalidade pelo desejo de conhecer e saborear o dulcissimo philtro do amor. Ainda encontra depois de passageiros gosos a amargura e o tédio; e ella, a pobre Margarida, que o amou singelamente, innocentemente como qualquer das suas jovens companheiras amava o escolhido do seu coração, que a vinha esperar a tarde ao despegar do trabalho, ella, a pobre Margarida, foi arrastada no turbilhão d'essa existencia sequiosa de venturas.

Temos n'este episodio como que a expressão successiva das differentes phases do pensamento humano: a lenda, o symbolo e o drama. Margarida é successivamente santa, musa e mulher, personagem hieratico, figura allegorica, typo do moderno drama.

A Margarida de Neuville (auctor do desenho que apresentamos aos nossos leitores) é a Margarida hieratica, meio bysantina, figura que destaca do

diferença das suas duas Margaridas. A de Ary Schoeffler está na egreja resando; entre os seus olhos e as paginas do seu livro passa o vulto airoso de Fausto; o gemido religioso do órgão chega-lhe aos ouvidos como o arrulho de uma voz namorada, e entre as suas preces consegue facilmente insinuar-se o conselho sybillante de Mephistopheles, inclinado ao seu ouvido. E' porque a fé já a não protege; é porque

the e de Ary Schoeffler é um esturdio que se ri de tudo, que não tem preconceitos, que communga, se o deixarem, que bate no peito com toda a gravidade, quando se levanta a Deus. Já vêem que ha um abysmo entre a gothica Margarida, que a nossa gravura representa, e a Margarida moderna, quasi contemporanea, a que Ary Schoeffler deu toda a ineffavel suavidade do seu delicadissimo talento.



A JOVEN CIGANA DO PANDEIRO

fundo d'ouro dos velhos quadros das cathedraes, que parece arrancada das illuminuras de uma «*Legenda aurea*». E' a Margarida do velho conto allemão, da mesma fôrma que a Margarida de Ary Schoeffler é perfeitamente a criação poetica de Goethe, a mulher moderna, nervosa, impressionavel, deixando-se enleiar nas mysticas sensualidades do órgão, inebriar pelo aroma entontecedor do incenso. Até na situação escolhida pelos dois artistas se revela bem a

na atmospha da egreja fluctuam ja para ella os miasmas do scepticismo moderno.

A Margarida que Neuville desenhou só vê Fausto ao sahir da egreja. Enquanto a protege a cruz do gothico portal, não ousou apparecer-lhe a tentação demoniaca. E' porque o diabo da velha lenda é um diabo sério, que trata dos seus negocios conscienciosamente, que se não aventura por egrejas e outros logares prohibidos, enquanto o diabo de Goe-

PAÇOS DO CONCELHO DE LOVAINA. — Este monumento notavel que é uma verdadeira renda de pedra, cheio desde a base até ao cimo das mais delicadas e mais perfeitas esculpturas, é o mais bello exemplar d'architectura gothica do estylo ogival, que existe na Belgica e em todo o Norte da Europa. Nada tem de grandioso nem de imponente; as suas dimensões são acanhadas, e a sua fachada pôde até ser considerada um pouco estreita relativamente á

elevação do monumento; mas nada excede essa perola da arte gothica, essa joia architectonica lavrada como uma custodia. Começada em 1448 na epocha da idade-média, em que as artes florescia em todo o seu esplendor, foi concluída em 1463, antes

bastante elevado e de dois andares illuminados por tres filis de janellas, cujas archivoltas são ornadas de folhagem. Entre cada janella está uma saliencia, que, assente n'um columnello, embutido no muro, vae desde o chão até ao tecto envolto n'uma balaus-

reões semelhantes, e são ligados entre si por uma delicada galeria que corre ao longo dos tectos e das paredes. Emfim, cada um dos numerosos nichos que estão adaptados á fachada contem um pequeno grupo que representa uma scena da historia



FAUSTO E MARGARIDA

d'ellas começarem a declinar, pelos desenhos e sob a direcção do architecto lovainista Mathews de Layens, que recebeu pela planta a quantia de cinco florins, e custou ao todo 32.786 florins, 7 soldos e 2 liards. Os paços do concelho, construídos sobre um rectangulo de perto de 33 metros de comprimento e 27 de largura, compõe-se d'um pavimento inferior

trada. Estas saliencias estão enfeitadas de folhagem, nichos, ogivas, torrinhas e relevos do mais intrincado trabalho. Cada um dos quatro angulos é flanqueado por uma torre em pentagono, que, delicadamente trabalhada e guarnecida de duas varzandas, sae para cima do tecto como um elegante minarete.

Os dois angulos das empenas têm em cimaa tor-

sagrada. Não se sabe como um só homem pôde prodigalisar assim tantas maravilhas que bastariam para dez monumentos d'architectura ordinaria. As esculpturas das faces exteriores foram restauradas, em 1842, por Goyers. O interior d'esse gracioso edificio encerra algumas lindas télas devidas ao pincel de Miguel Coxie, Gaspar de Crayer, Devos, Seghers,

Van der Helst, etc: Os paços do concelho estão situados n'uma pequena praça antiga, no meio da qual o marechal de Villeroi estabeleceu um conselho de guerra, ao clarão dos archotes, na véspera da batalha de Ramillies, em 1706.

O DOMINGO HISTÓRICO

22 de janeiro de 1860.—Naufragio do brigue Mondego

O brigue de guerra portuguez *Mondego*, que em novembro de 1855 partiu de Lisboa para os mares da China, depois de quatro annos de estadia n'aquelles paragens largou do porto de Macão em direcção á Europa no dia 1.º de dezembro de 1859.

Tendo entrado em Singapura e reparado ali uma pequena avaria, fez-se novamente de vela a 22 e logo no estreito o vento se apresentou rijo, e o tempo foi sendo cada vez peor até que a 19 de janeiro se declarou uma horrivel tempestade. N'esse mesmo dia soltaram-se algumas taboas do forro exterior do navio e o brigue começou a fazer agua. No dia immediato o tempo não abonou, a agua a bordo foi crescendo sempre e apesar dos esforços e diligencias da tripulação todos começaram a ver que a situação era extremamente critica. A 21 a agua principiou a entrar por outros pontos e ia subindo, subindo sempre, embora toda a gente estivesse empregada nas bombas.

No meio d'esse angustioso estado o temporal tornou-se ainda mais medonho e toda a guarnição do brigue tinha perdido a esperanza de salvar-se, quando na madrugada de 22 se divisou no horizonte uma vela.

Disparado um tiro de peça, içado o signal de grande perigo e feitas todas as diligencias para aproximar o *Mondego* d'esse navio, que a Providencia levára áquelle ponto, poderam afinal os infelizes marinheiros portuguezes ser entendidos da barca americana. Lançando ao mar um escalor e uma lancha chegaram a bordo do navio da União os tenentes Castilho e Santa Barbara, com as mulheres, doentes e algumas das pessoas, que vinham no *Mondego*, mas a lancha desfez-se logo. Os dois valentes officiaes ainda voltaram ao brigue e conduziram mais gente para a barca, em quanto a bordo do *Mondego* se tratava de preparar uma jangada para salvar o resto da tripulação, mas esse trabalho não se pôde concluir e ás 6 horas da tarde o brigue de guerra portuguez submergiu-se, arrastando consigo 33 pessoas, que ficaram sepultadas no mar das Indias.

O capitão Walker da barca *Uriel*, apesar do temporal desfeito, que havia, conservou-se no lugar da catastrophe esperando poder salvar ainda mais alguns dos desgraçados naufragos; não tendo porem durante toda a noite apparecido nenhum d'esses infelizes, seguiu no dia immediato para Porto Luiz, na ilha Mauricia, onde entrou a 31 de janeiro.

N'esse lamentavel naufragio em que houve tão crescido numero de victimas, praticaram-se actos de grande bravura e coragem, e sem de modo algum querer offuscar os serviços dos outros, pode assegurar-se, que um dos mais audazes e mais valentes, foi o tenente Castilho, que a morte tão prematuramente nos roubou, e cuja biographia foi publicada pelo sr. D. Antonio da Costa, com o titulo de *José de Castilho, o heróe, do Mondego*.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO

POR

ALFREDO DE BREHAT

Versão portugueza

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuado do numero antecedente)

Ao passo que os dois remadores entravam em uma taberna estabelecida nas margens do Chagres, Carmen e Juanito seguiam lentamente um caminho estreito, que corria em sentido paralelo ao curso do rio. Enormes arvôres, crusando nos ares as frondosas ramagens, formavam por cima das cabeças dos dois amantes uma especie de cupula de verdura, que se achava aqui e ali enfeitada com as florinhas de accensas côres, produzidas pelas enredanças e plantas trepadeiras, que vegetavam enroscadas nos troncos. Os passaros doudejavam de ramo em ramo, lançando nos ares os seus alegres gorgeios.

— E' bem verdade, que não precisas de fazer mais do que uma unica viagem, *querido mio*? dizia Carmen, inclinando-se apaixonadamente sobre o braço de Juanito, e fixando os seus grandes e expressivos olhos negros no semblante bronzeado do mexicano.

— Assim o espero, *preciosita de mi alma*— respondia Solano. Precisamos de umas trezentas piastras, para podermos celebrar convenientemente o nosso casamento, e começar vida. Pois bem; já possuo cento e cincoenta.

— E eu sessenta, replicou Carmen com vivacidade.

— Total, duzentas e dez piastras. Bem sei que já podiam ser um pouco mais avultadas as minhas economias, por quanto a ultima viagem, que fiz, me rendeu uma bonita somma; mas a verdade é que, em Cruces vi em uma loja uns enfeites tão tentadores, que não pude resistir ao desejo de os comprar para a minha adorada Carmen. Vê, *querida*, vê como as côres d'estas fitas se combinam com o ébano dos teus cabellos!

Como todas as suas compatriotas, Carmen adorava tudo quanto era luxo e enfeite. Ao ver as fitas, que o mancebo lhe offerecia, soltou uma exclamação de jubilo, e saltou ao pescoço do noivo com a impetuosa vivacidade, que tão agradavelmente caracteriza as mulheres da America hespanhola.

— Ah! vou já ataviar-me com estas fitas! exclamou ella com a alegria de uma creança.

Em um abrir e fechar de olhos, com o auxilio de alguns alfinetes e ajudada por Juanito, a formosa Carmen formou quatro ou cinco laços de fitas que collocou artisticamente no peito e sobre os seus magnificos cabellos negros.

— Estou bonita assim, *querido mio*? perguntou ella em seguida, collocando-se diante do marinheiro na attitude graciosa e provocante de uma cigana, que se prepara para dançar o fandango.

— Para mim és sempre tu a mais formosa das mulheres... respondeu elle contemplando-a com paixão.

— E' verdade, que é amor sincero e profundo o sentimento que tens por mim?

— Amo-te tanto quanto um coração humano pode amar, *sol de mi vida*! És tu o meu bom anjo, a alegria dos meus dias!

— Não ouvi bem... replicou ella com os labios

entreabertos em um sorriso malicioso. Diz outra vez...

O mancebo repetiu.

— E nunca has de amar senão a mim? tornou ella.

— Nunca.

— E não has de olhar senão para mim?

— Ciumenta! murmurou o mexicano sorrindo, e apertando de encontro ao peito o braço da formosa rapariga.

— Sou ciumenta, sou... murmurou ella com uma tal ou qual expressão de tristeza; mas não é minha culpa. Ouço o que dizem todas as raparigas, e eu não queria que ninguém pensasse em ti senão eu... Não me preoccupa com os noivos d'ellas; para que hão do ellas preoccupar-se com o meu? Eu não olho senão para ti, e não quero que tu olhes senão para a tua pobre Carmen. Quando transportas no teu pangaio as mulheres do teu paiz, ou as europeas, cuja pelle é alva como a neve, fico triste durante todo o tempo da tua ausencia. Bem vêes que já não tenho pae, nem mãe, nem irmãos; concentrei em ti todos os affectos! E's tudo para mim, *querido mio*? Já não poderia viver sem o meu Juanito!

— Nada temas, *querida*! replicou o marinheiro impressionado pelas lagrimas, que via brilhar nos olhos da sua noiva. Os nossos destinos já não podem desunir-se. Logo que nos cazemos, deixaremos esta região de febres e de mil doenças terriveis, e iremos viver felizes no meu formosissimo valle de Jalapa.

— Tenho aqui as sepulturas de meu pae e de minha mãe... suspirou Carmen.

— Bem sei, *queridita mia*; mas não quero que as febres me arrebatem a minha noiva adorada, e destruam a sua incomparavel formosura. Não queres acompanhar-me para toda a parte?

— Para o fim do mundo, Juanito! respondeu ella com enthusiasmo. Onde tu viveres estará sempre o meu coração, a minha vida...

(Continúa)

HORAS DE OCIO

Pergunta indiscreta

Dizem que Jesus, prostrado por uma sede mortal, ao peso da cruz vergado, a um judeu mal encarado fallou, com semblante irado, na villa de Portugal, a que eu me refiro agora. E' ratice? Pois será! Mas ninguém o caso ignora. Que villa foi? Di-am lá.

TENIERS.

Charadas novissimas

Pôde matar, e tem causado muitas mortes esta villa — 2 — 1.

Sendo imperceptivel, não se vê e incommoda — 1 — 1.

Este Deus aqui é generoso, mas faz doer — 1 — 1 — 1.
OCIOSOS DE CAÇADORES. 4

Problema arithmetico

Juntar cincoenta a um numero dado, e encontrar outro inferior ao primeiro uma unidade.

EUCLIDES.

Soluções dos problemas do n.º 47

Anagramma — Amora.

Palavras bi-quadradas:

R A M O
A Z A R
M A L A
O R A R

as quaes invertidas dão:

R A R O
A L A M
R A Z A
O M A R

Embrulhada lexicologica — Gil Vicente.

Soluções certas

Anagramma. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Dois Estouvados, Acertei? (Loulé), Edipo, Vasco (Coimbra), Carmelita, B. M. (Vianna do Castello).

Embrulhada Lexicologica. — Vichnú Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Nadege (Coimbra), Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Teniers (Santarem), Edipo, Carmelita. Acertei? (Loulé).

Palavras bi-quadradas. — Vichnú, Francisco Augusto Nunes Pousão, Vasco (Coimbra), Carmo e Sousa, B. M. (Vianna do Castello), Abílio Cordeiro.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 383)

XXXII

Desatam-se então os nós que prendem as extremidades, sendo bastante a neve para soldar as extremidades da barba de baleia, e unta-se tudo com gordura. O lobo atraído pelo cheiro, engole o laço. Com o calor do estomago derrete-se o gelo; a barba de baleia desdobra-se, e as extremidades agudas matam o animal.

O Ramakay esforçava-se por manter a boa harmonia no interior da sua tenda administrando algumas sovas ás duas mulheres. Sabendo só a sua lingua, ainda não tinha conseguido fazer comprehender a Nadege os seus projectos senão contando «em inglez» até tres, e designando successivamente as duas mulheres. Dava-lhe assim a entender claramente que lhe reservava a honra de ser a terceira.

— *One, two, three*, repetia elle constantemente mostrando um após outro os tres dedos da mão esquerda.

A pobre Nadege fingia não perceber nada, mas percebia perfeitamente!

— *One, two, three!* tornava o Ramakay com os mesmos gestos. Depois impacientado por não dar mais andamento aos seus negocios matrimoniaes, bebia uns poucos de goles d'agua ardente—de proveniencia americana, e estirava-se no fundo da alcova aquecida.

O Ramakay tinha feito aquisição de uma renna branca destinada a ser offerecida em sacrificio pela tribu. Para que a immolação tivesse logar esperava-se apenas pelo primeiro dia da lua nova. Ladislau

montava algumas vezes no animal, com um intuito facil de ser adivinhado, e obrigava-a correr.

Uma noite, ouviu-se defronte da tenda o ladrar de um cão. Nadege e Ladislau reconheceram a voz de Wab,—que não se parecia com a dos cães siberianos. A filha de Davidoff cheia de esperanza e de alegria, suppoz que Yegor chegava para livral-a. Mas ninguém appareceu. O cão continuou a ladrar pela noite adiante.

Então Ladislau convenceu Nadege de que era chegado o momento de elle fugir. Montado na renna branca, seguindo o mar tão de perto, quanto fosse possível, tencionava elle chegar ao cabo Baranoff e á cabana construida para passar o inverno. Talvez até nem lhe fosse preciso ir tão longe para encontrar Yegor; pois como seria crível que o cão viesse sósinho por tão grande extensão?!

Nadege perdendo a esperanza que tivera, consentiu em tudo o que o rapazito quiz, e n'essa mesma noite, depois de se ter munido de grandes pedaços de renna cosidos em gordura de phoca, Ladislau saiu em busca da renna destinada ao sacrificio, encontrou-a, montou-a, e poz-se a caminho para oeste precedido de Wab.

O polaco, dotado de uma força de vontade não commum, tendo alem d'isso uma constituição robusta, que lhe permitia afrontar os rigores do frio e toda a sorte de privações, era capaz de levar ao cabo esta louca e temeraria empreza.

XXXIII

O chefe de policia tinha decidido os gyas yakutes a abandonar a cabana e a partir para Nijni-Kolymsk. Yermac abandonara uma parte das provisões, que elles trouxeram, especialmente peixe que devia servir para alimentação dos cães, e mandou carregar as nartas com grandes quantidades de tabaco, assucar, polvora caçadora e algumas peças de linho, tudo procedente do baleeiro *Hugo e Maria*. Todavia, os gyas tinham conseguido que a partida fosse adiada por alguns dias; já não tinham mais razões para pedir novo addiamento. Alem de que, Tekel e Chort estavam persuadidos de que os seus amos não tornavam á cabana. Por conseguinte não offereciam resistencia.

Chegou o dia da partida.

Era um bello dia de inverno, bem claro, não excessivamente frio, um dia como podia desejar um viajante em tão inhospitas regiões.

Yermac estava radiante de satisfação: ia finalmente triumphar dos fugitivos! Depois de dar todas as ordens, foi visitar mais uma vez o tumulo do filho.

Mas quando voltou, qual não foi a sua surpresa! O pequeno Ladislau estava na cabana. Informado pelos yakutes do que se passava, ordenou-lhes immediatamente, em nome de Yegor Semenoff, que não obedecessem a Yermac. Disse que Yegor lhes mandava ordem de irem ter com elle á bahia de Kolintchina, levando as nartas e o chefe de policia—por bem ou por mal.

Yermac, vendo desmoronar-se o seu castello, tentou resistir, mas foi baldado empenho. Teve de ceder. As nartas, já voltadas para Oeste, foram voltadas para Este. O carregamento foi judiciosamente conservado tal qual estava, pelo pequeno polaco, que suppoz serem o tabaco e a polvora preciosos artigos para a permutação. Acrescentou unicamente alguns objectos de Nadege—sem esquecer o maxnucrípto dos ultimos poemas de Davidoff.

A renna branca foi abandonada, ligeiramente

aguada, é certo, mas tendo escapado ao sacrificio, a que estava destinada.

As nartas puzeram-se a caminho. Wab ainda uma vez, parecia querer guial-as. Tratava-se segundo as indicações de Ladislau, de ir á bahia de Tchaunsk, sem fugir muito da costa. Com o auxilio do cão, talvez se encontrasse a pista de Yegor e do sr. Lafleur.

Nadege, ainda mais infeliz depois do desaparecimento de Yegor e da renna branca, era victima dos mais cruéis tratos. Passava os dias no desempenho dos mais sordidos e pesados trabalhos, e ás noites debulhava-se em pranto. Padecia fome e frio, enjoada pelos alimentos que lhe offereciam, e recusando-se a pernoitar na alcova commum. Estava todo o dia e toda a noite na tenda exterior, onde o frio era intensissimo. A pobre menina sentia-se de finhar, e só esperava a morte como termo ao seu padecer.

Um dia de manhã, a filha de Davidoff, reduzida á condição de creada de um selvagem, com a perspectiva de ser em breve sua mulher, cosinhava carne de renna em uma panella de ferro, posta ao fogo no meio de um pequeno circulo de pedras, que constituíam a fôrnia, no centro da tenda. Ao passo que com os olhos vigiava a ebulição, com as mãos delicadas espremia os intestinos do animal para extrahir e pôr de parte, como iguaria exquisita, materias verdes semelhantes a espinafres pisados.

Era ajudada n'este trabalho por uma creada velha, gorda e mal cheirosa, que soffria de uma dôr aguda no lado esquerdo das costas. A velha acabou por cobrir a cabeça com um grande casaco, que vestia, e, sentando-se no chão diante da rapariga, pediu-lhe por gestos que lhe esfregasse a região dorida. A pelle bronzeada da doente desaparecia sob uma expessa camada de porcarias. Nadege teve de acceder ao pedido, servindo ao mesmo tempo o almoço aos tres principaes hospedes da tenda—o Ramakay e as duas mulheres d'este—que punham fóra da alcova apenas as cabeças e os bustos, ficando dentro o resto do corpo, muito ligeiramente vestido.

O almoço compunha-se de figado de phoca, de sangue ainda quente do mesmo animal e de um prato de «choucoute» feita de folhas de salgueiro fermentadas.

Uma das mulheres, Nacketu — é preciso tratá-la pelo nome — fazia cessar com os gritos: Ah-la-Yah! as lagrimas de uma ferissima creança que tinha ao collo. Com a bocca suja de choucoute lambia aquelle monosinho exactamente como poderia fazer um animal.

Achavam-se na tenda, como visita tres guerreiros armados. Sentados em cima de pelles, conversavam com os habitantes da alcova sobre a estrangeira, de côr branca, de cabellos loiros, e de estatura elevada.

A um canto uma segunda creada, — uma escrava — com os braços nus e tintos de sangue até ás espaldas, occupava-se em cortar pedaços de carne de phoca.

Junto d'ella, outra mulher — talvez uma visinha — mascava uma pelle de renna para a tornar flexivel e propria para o fabrico de botas e luvas.

Ao lado da plata-fôrma dormia uma cadella rodeada de cachorrinhos, cujos gritos lamurientos se misturavam com os vagidos do horrendo monosinho que a mulher do chefe acariciava.

Lá fóra cahia neve, abafando todo o ruido, interceptando a luz a tal ponto, que o lume enchia de reflexos encarnados o interior bastante vasto da tenda.

Muitos utensílios, e roupas enchiam a tenda, sem que todavia a ornassem e mobilassem. Enumerando-os na desordem em que estava tudo, eram—uma grande rede de couro, diversos aparelhos de pesca, o inevitável tambor dos feiticeiros, pratos de madeira espalhados por toda a parte, cachimbos, facas de ferro e um machado, alguns instrumentos de pedra que traziam á memoria os das edades primitivas da humanidade, duas ou tres cafeteiras de ferro, importadas da America, um cráneo de lobo

mós; n'outro canto, grande porção de paos de renna ainda fixos ao osso frontal; aqui e ali algumas traves de madeira que serviam de assentos.

Depois do almoço o Ramakay chamou a cadella com um assobio, e passou-lhe pelo pescoço, como sacrificio ao espirito do mal, uma trança de musgo secco.

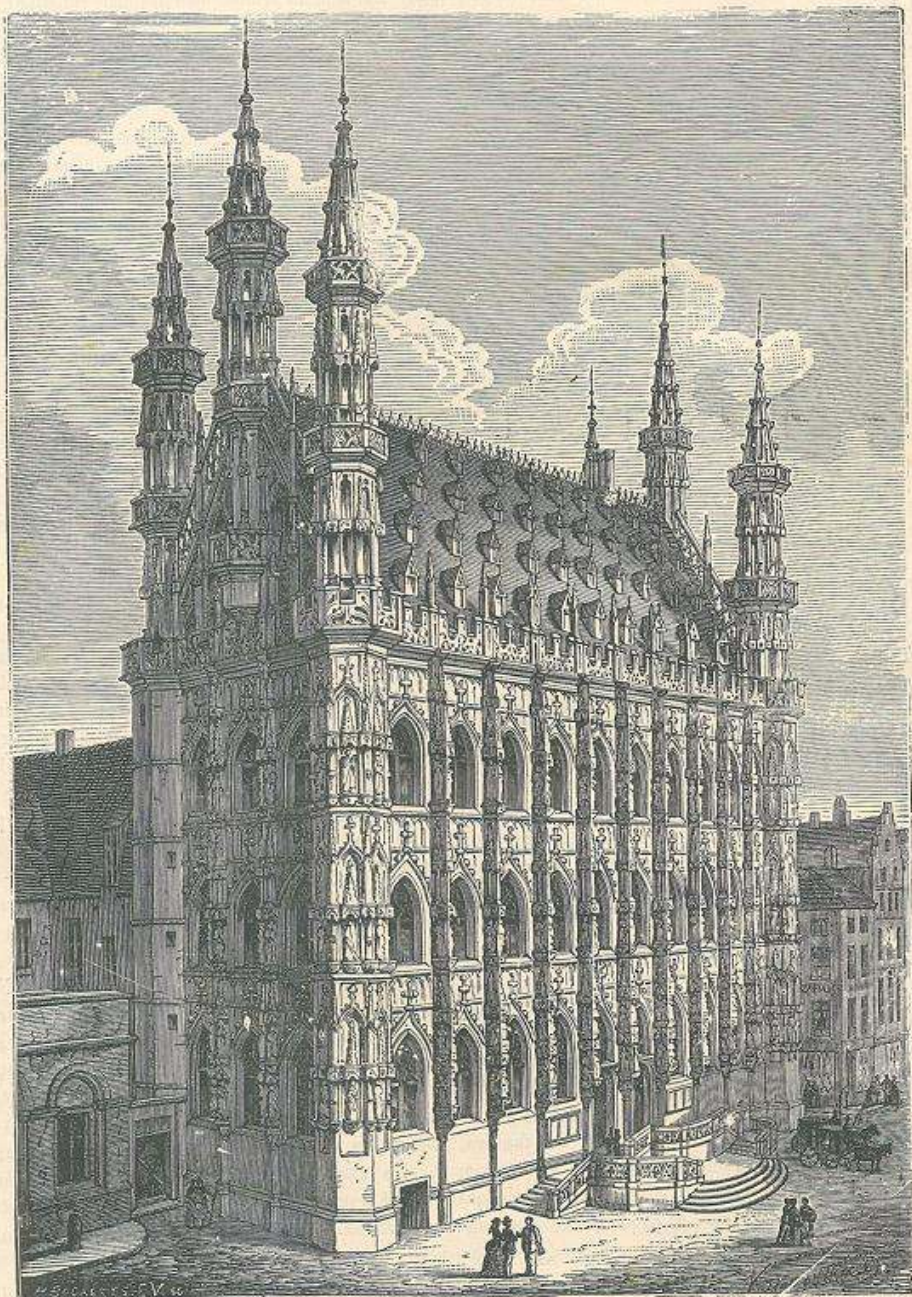
N'esse momento, da abertura redonda feita no alto da cabana, alguém—uma visita—cuspiu sobre o fogo. Levantaram todos a cabeça, até Nadege, que

—E' possível? exclamou Nadege.

—Que queres tu? disse a Tekel o Ramakay, admirado da conversação entabulada na sua presença, n'uma lingua, que desconhecia, entre a estrangeira o recém-chegado.

—O que quero? respondeu Tekel na lingua dos Tchuktchas: já o vaes saber immediatamente. Onde é a porta?

Já Nadege desobstruía a entrada da pelle da renna, que a fechava. De fóra auxiliavá-na tirando a



PAÇOS DO CONCELHO DE LOVAINA

suspensão por uma correia—sem duvida um amuleto, dois saccos de pelle de phoca, verdadeiros odres conservando a forma do animal, e contendo grande provisão de azeite; penduradas nas traves ennegrecidas pelo fumo, que constituíam o esqueleto da habitação, indo de um para outro lado, grinaldas de peixes seccos, e pedaços de tocinho; um pouco mais longe despojos de castor vindos da America, pelles de raposas brancas e azues, destinadas a figurar na feira de Irbt ou na de Ostrovoye; a um canto, um barco de coiro, como o «yak» dos Esqui-

principiava a familiarisar-se com os usos e costumes da localidade.

O Ramakay convidou-a a entrar, e a visita, que não vira de fóra a porta baixa por estar coberta de neve, desceu sem cerimonia pela chaminé apoiando-se nos pedaços de madeira. Caiu aos pés de Nadege, que reconheceu n'aquelle intruso... Tekel!

A rapariga deu um grito de surpresa e de alegria.

—E Yegor? perguntou ella precipitadamente.

—Está ali, respondeu o guia, com o sr. Lafleur, Ladislau, e o chefe de policia.

neve amontoada. Ladislau, que foi o primeiro a passar, saltou ao pescoço da rapariga.

Então o Ramakay adivinhou n'esta invasão do seu domicilio alguma coisa desagradavel. Armou-se do seu «batase»—um grande pau ferra-lo—e avançou para os importunos visitantes. Os tres guerreiros presentes vendo-o na defensiva, collocaram-se atraz d'elle.

(Continua)